

TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA

ENCONTRO DE TUXAUAS DA REGIÃO DE NORMANDIA

10-11-e 12 de março 1980

No início dos trabalhos o Tuxaua Raimundo, da Cachoeirinha, lugar onde se realiza o encontro, apresenta a finalidade da realização destas reuniões na maloca mesmo e não na sede da Missão. Isto é para que a comunidade indígena possa presenciar e saber quais os problemas tratados.

O Tuxaua Dalicio, convidando todos a oração, lê, em macuxí um trecho do Evangelho Mc. 9,33-37.

Terminada a oração, Padre Angelo Panero, apresenta à assembléia a Carta do Bispo, D. Aldo Mongiano, sobre o problema dos índios em Roraima, lê e friza os artigos mais importantes, salienta outrossim o trabalho feito pela Igreja em favor da causa indígena.

Todos concordaram que é preciso falar e informar para que ninguém venha a esmorecer, mas continuem a lutar até vencer.

O padre falou ainda da proposta de Lei nº 2294, do Deputado Helio Campo, querendo demarcar no Território uma faixa de terra na fundura de 150 km para o governo. Faixa onde os índios não teriam mais direito de propriedade. Uma lei tão iníqua, Deus queira que nunca seja aprovada.

Segue um debate geral:

No segundo dia foi reservado para os depoimentos dos Tuxauas e aqui vão os mais salientes.

Cirino

Sou tuxaua há dez anos, trabalhei muito para a minha comunidade, que consta de cerca de 300 pessoas. Trabalhei mais para a comunidade do que para minha família. Procurei também orientação dos mais sabidos. Faz três anos que temos a roça comunitária e a cantina dos gêneros de primeira necessidade. Agora temos como capital da Cantina R\$.80.000,00, temos ainda 30 sacos de milho da roça comunitária e 200 de farinha.

É difícil trabalhar com este pessoal que não quer trabalhar. Mas eles vendo a mercadoria na cantina ficam contentes e satisfeitos.

Neste ano eu quero deixar meu cargo, para cuidar mais da minha família, e desde já convido todos os tuxauas a comparecer a 15 de dezembro em Napoleão, para uma reunião a respeito disso.

Todos: Governador, Funai, Padres, Tuxauas trabalham para o bem da Comunidade e todos nós somos chamados a colaborar com eles.

Nós tínhamos problemas com os fazendeiros, já lutamos muito contra os brancos.

Dionísio Cipriano

Trabalho como tuxaua há quase 4 anos, são cerca de 200 as pessoas da minha comunidade. É um trabalho difícil. Para ser tuxaua fui pegado na marra. Este serviço é cheio de perigos e riscos. Muitos não entendem que que quero lutar para todos na comunidade.

Atualmente a roça comunitária está em primeiro lugar, bem como o mantimento da Cantina e da nossa criação que está começando. Para conscientizar pessoal no serviço comunitário é preciso muito tempo. Só sete pessoas entraram no trabalho comunitário, no meio de 36 adultos.

Domindo eu fiz uma reunião com o pessoal, não entendem, não quiseram participar do trabalho comunitário alegando que tinham outros compromissos.

Desde muito tempo nós andávamos pelejando com o fazendeiro Ernesto Costa. O gado dele criou para nós muito prejuízo entrando na roça e estragando a colheita.

Eu avisei o Ernesto Costa e o Dinarte conversei com o advogado da Funai, sem nunca dar um jeito. Foi feito um trabalho em conjunto, o pessoal bota no fogo o Tuxaua e nem sempre acompanham. Todos deviam participar na responsabilidade. Na cantina o ano passado tinha 25 sócios com 100, cruzeiros agora só restam 14.

Tomas de Almeida

Os meus problemas são parecidos com os dos outros que estão falando. Eu não quero ser tuxaua. Já duas vezes os fazendeiros Neubom veio para dizer de não fazer roça, na nossa maloca de S. Cruz. Ele manda o vaqueiro falar, eu mando dizer que nós não arrancávamos a roça e se ele quiser, que ar-

arrancasse ele mesmo a cerca e a roça. Este fazendeiro quer empatar os índios que são daqui. Nós estamos trabalhando unidos, só alguns ficaram de fora. Tens uns que são da Jiboia e do Macaco que não quiseram colaborar, são aqueles que vão na Vila de Normandia e tomam cachaça.

Emílio Militão

Eu fico contente participando desta reunião, porque juntos e conhecendo o serviço dos outros melhora o próprio. Gostei da reunião de Sururmú em janeiro, com todos os tuxauas e das palestras.

Eu vou com eles trabalhar mas também fico presente na comunidade. Já derrubamos a roça com 33 pessoas, estou fazendo muito para o nosso pessoal na cantina.

Já canso de falar com os meus parentes sobre o trabalho comunitário. Tem pessoal que fala assim: "O tuxaua não paga, os padres não pagam, os fazendeiros pagam". Nenhum dos fazendeiros fizeram casa, cercado, chiqueiro sozinhos mas tudo com o trabalho dos índios, e nós ficamos com nada. (O trabalho comunitário não pago mas o produto é para a comunidade e a cantina) João e Lucas, filhos do Cearazinho aproveitaram da ausência do tuxaua e dos pais de família, para trazerem cachaça para nossa maloca e organizar uma festa com os alunos e rapaziada.

Temos que trabalhar, que organizar para poder ir a frente, e melhorar a situação.

Daício

Meu problema e interesse é o problema da união na comunidade. Faz 6 anos que sou tuxaua neste tempo saíram saíram dois serviços: a roça comunitária e a cantina. Estamos vendo que só a união contribui para dar força à Comunidade. Eu fui também dar apoio a comunidade de Xumina, quando foi feito sair o serviço da derruba e cerca da roça.

A desunião nos faz ir para traz nas malocas. Muito serviço saiu nas malocas graças a união, ao trabalho de conjunto.

A colheita foi dividida entre a cantina e os trabalhadores conforme a participação. Nós não temos problemas com brancos mas de índios com índios.

Otávio da Silva

Eu também tenho problemas de união e atraso, nós somos poucos. Estamos muito atrasados e estamos lutando para ver se conseguimos ter alguma coisa como os outros. Artur, um fazendeiro paulista, que chegou neste verão, quer colocar o cercado perto da maloca e fechar a maloca na localidade de Massarico, temos que lutar para nos defender.

Nós trabalhamos para fazer sair a roça comunitária. Todos estão animados para trabalhar.

Outros tuxauas falaram em macuxi e expuseram mais ou menos os mesmos assuntos.

Precisa continuar na linha da conscientização e procurar junto uma saída para os vários problemas que afligem essas comunidades.

A terceira etapa do encontro foi reservada para tratar em particular sobre o problema das cantinas, do capital das mesmas e dos preços da mercadoria e os meios de transporte.

Participaram destas reuniões os Tuxauas da Região de Normandia, alguns capatazes e os Padres Angelo Panero e José Derudas. A assinatura dos participante está numa folha anexa.